

Ana Luís Paupério Barros

N.º 27748

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor António Paulo Sá e orientação do Mestre Alfredo Feijó

Instituto Universitário da Maia

AGRADECIMENTOS

Durante a realização desta grande experiência de aprendizagem, muitas foram as pessoas que contribuíram para que fosse possível. A todos eles tenho de expressar a minha gratidão pelo seu importante contributo nesta fase, pela motivação transmitida, apoio, colaboração, dedicação e persistência que sempre tiveram para comigo. No entanto, é de salientar a maior influência que alguns tiveram e, por isso, expresso aqui o meu sincero agradecimento:

Aos meus pais e ao meu irmão, porque sem eles não seria possível percorrer este caminho, por toda a força, motivação, alegria, compreensão, confiança e união que sempre me transmitiram. A família é a base para tudo na minha vida.

Ao Professor Doutor Paulo Sá, supervisor de estágio, pelo auxílio, disponibilidade, conselhos, profissionalismo, conhecimentos transmitidos, pelo envolvimento e ajuda preciosa ao longo do ano.

Ao meu Orientador, Mestre Alfredo Feijó, por ter acreditado em mim, pela forma como me encorajou e motivou para todas as etapas, pela dedicação, disponibilidade, aconselhamentos, conhecimentos, apoio e profissionalismo desde o primeiro dia.

À minha melhor amiga (Raquel Costa), pela compreensão, força, pelo apoio que nunca me faltou, por cada conselho dado, pelo orgulho que sempre demonstrou ter por tudo o que alcanço.

À Professora Doutora Sara Santos pela disponibilidade que demonstrou desde o primeiro contacto e interesse no Projeto de Intervenção, foi incansável e alguém que se tornou num exemplo para mim.

À minha prima Bibiana Araújo, por toda a disponibilidade que sempre teve para comigo, por me ajudar em todas as minhas etapas escolares e por todo apoio dado.

Às minhas colegas de estágio, por termos passado por esta grande experiência juntas.

À Escola Secundária de Valongo, por me ter recebido e por ter podido realizar nesta instituição o meu estágio.

Às minhas duas turmas do décimo primeiro ano de Ciências e Tecnologias e ao décimo segundo ano de Ciências Socioeconómicas, por terem sido os meus primeiros alunos e por sempre colaborarem em todas as aulas da melhor forma, para que todos aprendêssemos mais e nos terem proporcionado um excelente ambiente de trabalho.

RESUMO

O presente documento reflete a minha experiência vivenciada neste ano letivo, como estudante estagiária. A Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi o auge de um sonho, que tenho desde criança, em contexto real, e que me permitiu pôr em prática todos os meus conhecimentos adquiridos ao longo destes anos a fim de me tornar professora. Sinto que todo o meu investimento e dedicação ao longo do meu percurso académico contribuíram para a conquista deste grande sonho.

O presente relatório da PES está organizado em quatro capítulos. O primeiro diz respeito à dimensão pessoal e profissional e engloba as expectativas iniciais do que esperava desta experiência e o que fez enveredar por este percurso. O segundo, à prática em contexto, que refere a importância da PES e a caracterização da escola onde decorreu o estágio e as ofertas educativas. No terceiro capítulo, menciono a prática profissional do plano de análise ao de intervenção, que se subdivide em três categorias, sendo a primeira a organização e gestão do ensino e da aprendizagem, que diz respeito à conceção do ensino, ao planeamento, à realização e à avaliação; a segunda a participação na escola e relação com a comunidade, que apresenta as atividades realizadas e a participação com a comunidade; e a terceira o desenvolvimento profissional, apontando as dificuldades sentidas e a necessidade de formação, enquanto profissional. Por fim, o quarto capítulo reflete as conclusões finais acerca de todo o processo.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA; ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA; PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA; FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

ABSTRACT

This document reflects my experience in this school year as a trainee student. The Supervised Teaching Practice (STP) was the culmination of a dream, which I have had since childhood, in a real context, and which allowed me to put into practice all the knowledge I acquired over the years in order to become a teacher. I feel that all my investment and dedication throughout my academic career contributed to the achievement of this great dream.

This STP report is organized into four chapters. The first relates to the personal and professional dimension and encompasses the initial expectations of what I hoped for from this experience and what led me to embark on this journey. The second, to practice in context, which refers to the importance of supervised teaching and the characterization of the school where the internship and educational offerings took place. In the third chapter, I mention the professional practice of the analysis plan to the intervention plan, which is subdivided into three categories, the first being the organization and management of teaching and learning, which concerns the design of teaching, planning, the evaluation; the second is participation in school and relationship with the community, which presents the activities carried out and participation with the community; and the third the professional development, pointing out the difficulties felt and the need for training as a professional. Finally, the fourth chapter reflects the final conclusions about the whole process.

KEYWORDS: PHYSICAL EDUCATION; TEACHING OF PHYSICAL EDUCATION; SUPERVISED EDUCATION PRACTICE; TRAINING IN PHYSICAL EDUCATION.

RÉSUMÉ

Ce document reflète mon expérience de cette année scolaire en tant qu'étudiante stagiaire. Le PES a été l'apogée d'un rêve que j'ai eu depuis l'enfance, dans un contexte réel, et qui m'a permis de mettre en pratique toutes mes connaissances acquises au fil des années pour devenir enseignante. Je sens que tout mon investissement et mon dévouement tout au long de ma carrière universitaire ont contribué à la réalisation de ce rêve.

Ce rapport, l'enseignement supervisé est organisé en quatre chapitres. Le premier en ligne avec la dimension personnelle et professionnelle et englobe les attentes initiales de ce que j'espérais de cette expérience et ce qu'il m'a fait choisir ce parcours. Le second, dans le contexte, qui se réfère à l'importance de le PES et la caractérisation de l'école où le stage et les offres éducatives ont eu lieu. Dans le troisième chapitre, je mentionne la pratique professionnelle du plan d'analyse au plan d'intervention, qui se subdivise en trois catégories. La première étant l'organisation et la gestion de l'enseignement et de l'apprentissage, qui concerne la conception de l'enseignement, le plan et l'évaluation. La deuxième est la participation à l'école et la relation avec la communauté, qui présente les activités réalisées et la participation avec la communauté; et le troisième le développement professionnel, soulignant les difficultés ressenties et le besoin de formation en tant que professionnel. Enfin, le quatrième chapitre reflète les conclusions finales sur l'ensemble du processus.

MOTS CLÉS: ÉDUCATION PHYSIQUE; ENSEIGNEMENT DE L'EDUCATION PHYSIQUE; PRATIQUE DE L'ENSEIGNEMENT SUPERVISEE; FORMATION EN ÉDUCATION PHYSIQUE.

ÍNDICE DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

AF - Atividade Física

AEV – Agrupamento de Escolas de Valongo

CEF – Cursos de Educação e Formação

CPN – Clube de Propaganda da Natação

DE – Desporto Escolar

EB- Escola Básica

EE - Estudante Estagiário

EF - Educação Física

ISMAI - Instituto Universitário da Maia

MEC - Modelo de Estrutura e Conhecimento

NCRV – Núcleo Cultural e Recreativo de Valongo

PES - Prática de Ensino Supervisionada

UD – Unidade Didática

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
RÉSUMÉ.....	v
ÍNDICE DE SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	vi
Introdução.....	1
I. Dimensões: pessoal e profissional.....	2
1. Uma decisão a partir de um percurso	2
2. Expectativas iniciais	3
II. Prática em contexto.....	4
1. A importância da PES	4
2. A escola cooperante: lugar de prática.....	5
III. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção	7
1. A importância da PES	7
1.1. Planeamento (Anual, Período, Unidades Didáticas, Plano de Aula/Reflexão.....	7
1.2. Realização (Instrução, Gestão, Disciplina, Clima, Ajustamentos).....	10
1.3. Avaliação (Tipos, modalidades, formatos e autoavaliação)	11
1.4. Construir e (re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação	13
2. Participação na escola e Relação com a comunidade.....	13
2.1. Atividades realizadas.....	13
2.2. Socialização profissional e institucional	15
2.3. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação .	16
3. Desenvolvimento profissional	16
3.1. Dificuldades e necessidade de formação	17
3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão	17
IV. Reflexões finais	19
4.1. Experiência pessoal e profissional.....	19
4.2. A componente ético-profissional.....	19
4.3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES	21
Referências bibliográficas	23

Introdução

O presente documento tem como intuito a apresentação da minha experiência ao longo do ano. Mostra um pouco de mim e identifica quais foram os meus focos durante este processo. O relatório da PES insere-se no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Universitário da Maia. Foi orientado pelo Professor Alfredo Feijó da escola cooperante e pelo Supervisor Paulo Sá, nomeado pelo ISMAI. O estágio decorreu na escola sede do Agrupamento de Escolas de Valongo, na Escola Secundária de Valongo, situada no distrito do Porto e cidade de Valongo, tendo também realizado uma passagem pelo segundo ciclo, com uma turma de sexto ano na escola EB 2/3 de Sobrado.

O presente relatório é composto por quatro partes, sendo a primeira referente às dimensões pessoal e profissional, a segunda à prática em contexto, a terceira à vertente profissional (do plano da análise ao da intervenção) e a última às reflexões finais.

Relativamente à prática em contexto, refere-se à importância da PES (Prática de Ensino Supervisionada) ao longo do ano, correspondente ao 2º ciclo e Ensino Secundário Regular.

Na prática profissional (do plano da análise ao da intervenção), reflete-se sobre a experiência pedagógica vivenciada e está estruturada de acordo com as três áreas de desempenho: organização e gestão do ensino e da aprendizagem, participação na escola e relação com a comunidade, e desenvolvimento profissional.

Na quarta e última parte, refiro a minha experiência pessoal e profissional, a componente ética profissional e a realidade do contexto escolar, refletindo sobre o impacto da prática de ensino supervisionada.

I. Dimensões: pessoal e profissional

1. Uma decisão a partir de um percurso

Começando por me apresentar, tenho vinte e três anos e natural de Valongo, uma freguesia inserida no concelho de Valongo, pertencente ao distrito do Porto.

Desde a infância até à juventude, tal como qualquer jovem, sempre tive um sonho, sonho esse em me tornar professora de Educação Física. Sempre estive ligada ao desporto, iniciando em criança a passagem pelo ballet e depois seguindo para a modalidade coletiva que é basquetebol, no clube Núcleo Cultural e Recreativo de Valongo (NCR) que pratiquei durante treze anos. Durante o meu percurso escolar, quando iniciei o ensino secundário, na Escola Secundária Carolina Michaëlis, optei pelo curso tecnológico de desporto para cumprir os meus estudos na área, tendo uma passagem mais específica em cada modalidade e respetivas matérias. Essa opção foi uma mais-valia pela preparação específica para o ingresso no ensino superior e uma passagem em contexto real na área. Permitiu-me, ainda, ter a certeza de que era a área certa para ingressar. Após a conclusão do ensino secundário, ingressei no ensino superior no curso de Educação Física e Desporto no Instituto Universitário da Maia.

A Licenciatura corresponde a três anos, concluídos com sucesso no decorrer desses. Esta licenciatura veio permitir conciliar com a área do treino desportivo, graças às horas dadas em algumas unidades curriculares práticas e teóricas, a possibilidade de obter o nível I de treinador. Após esta informação, escolhi a modalidade de basquetebol, por ser a minha modalidade de eleição, sendo que a componente teórica estava assegurada pelas unidades curriculares teóricas e pude realizar um estágio num clube como treinador principal de um escalão.

Na iniciação no Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, consegui conciliar os estudos, com a função de treinadora de basquetebol, que só contribuiu pela positiva de forma a estar melhor preparada quando era pedido a intervenção prática a lecionar. Mantive o gosto pela educação física e desporto, sendo treinadora e tornei-me professora, cumprindo deste modo o meu sonho.

A universidade proporcionou-me uma constante aprendizagem e crescimento, tanto a nível pessoal como profissional, sendo certo que “a formação do professor como pessoa constitui uma chave de sucesso de qualquer programa de formação profissional” (Albuquerque et al., 2014, p. 287).

Para me tornar professora, tive de realizar dois anos de mestrado, sendo o primeiro uma preparação e no segundo o estágio pedagógico, em que nos deparamos com um contexto real

e no papel de professor, mas denominados por “estudantes estagiários”. O estágio pedagógico é o processo final na formação de professores e segundo Pacheco (1995), a passagem a estagiário significa uma descontinuidade tripartida da instituição de formação para a escola, de aluno para professor, da teoria para a prática, destacando-se como fortes e marcantes fatores de socialização o contexto prático em que se passa a atuar e os elementos que têm a responsabilidade de o avaliar. Na realidade, é com o estágio pedagógico que se dá o primeiro grande impacto dos estudantes com a prática, sendo este um momento crucial no processo de formação inicial, por via do choque com a realidade e com a responsabilidade total dos papéis inerentes à função de professor (Albuquerque, Graça, & Januário, 2005).

2. Expectativas iniciais

Inicialmente revelei algumas dificuldades na relação com a turma, apesar do à vontade a falar para jovens, tendo em conta a minha vida profissional (treinadora de basquetebol no CPN aos escalões de sub12 e sub14), devido a serem alunos em escalões etários diferentes. Esta incerteza advém do desconhecido, do facto de não saber como seria a turma a que iria lecionar, se seriam bons alunos e respeitadores, se seriam alunos motivados e com objetivos académicos. Todos estes aspetos poderiam ser focos de instabilidade e insegurança porque, por muito à vontade que julgue ter para falar com eles, esta qualidade não iria interferir se não conseguisse obter primeiro o respeito dos mesmos. Quanto à lecionação dos diferentes conteúdos, penso ter uma boa base em algumas modalidades de referência, tendo dificuldades em algumas que não domino totalmente, e para tal, irei realizar um investimento pessoal em estudos e pesquisas, para colmatar alguma insuficiência, em modalidades específicas.

Nesta prática pretendi aperfeiçoar as minhas competências em todas as modalidades a serem lecionadas, alcançar uma boa integração na comunidade escolar, usufruir ao máximo de todas as oportunidades que surgirem durante o ano letivo e empenhar-me ao máximo e com toda a dedicação nesta nova etapa que, sem dúvida, será única.

II. Prática em contexto

1. A importância da PES

Ralha (1996) explica que os estágios seriam os responsáveis por “unificar” as várias disciplinas que constituem a componente académica do curso, através da sua articulação com situações reais de transmissão de conhecimentos, de desenvolvimento de capacidades, de promoção de atitudes, de vivência e de experiência nos níveis básico e secundário.

Neste processo e sendo este o mais exigente, somos confrontados com diversos obstáculos, tendo de passar pelo mais complexo, determinante e enriquecedor, de papel de alunos para a passagem para atuar como professores. No entender de Sá e Carreiro da Costa (2009), no período do ensino supervisionado são solicitadas uma multiplicidade de exigências do foro pessoal, social, institucional e formativo, fruto do confronto com diferentes transições ecológicas que se prendem com a passagem da instituição de formação para a escola, de aluno para professor e da teoria para a prática (Cunha, 2008).

Para a realização da Prática de Ensino Supervisionado, foi necessário a aquisição de competências de três anos de licenciatura e dois de mestrado, em que aprendemos tudo para por em prática no estágio. Lortie (1975) afirma que “milhares de horas de observação enquanto estudantes contribuem para a configuração de um sistema de crenças acerca do ensino, por parte dos aspirantes a professores, e, por outro lado, ajuda-os a interpretar as suas experiências na formação”.

A Prática de Ensino Supervisionado, permite-nos a passagem em contexto real com uma turma para a leccionação dos conteúdos e atuar como estudantes estagiários. Na visão de Caires (2001, p. 118-119), o período de estágio é interpretado, muitas vezes, como “a primeira abordagem do mundo profissional, [...] uma etapa de transição na qual o iniciante tem a oportunidade de aplicar o conhecimento e experiência adquiridos nos bancos da Universidade a um contexto da vida real”.

Os professores passam por diferentes etapas no seu processo de aprendizagem. Bransford, Darling-Hammond e LePage (2005) defendem que, para dar resposta às novas e complexas situações em que se encontram os docentes, é conveniente pensar nos professores como “peritos adaptativos”, ou seja, pessoas que estão preparadas para fazer aprendizagens eficientes ao longo da vida. Isto, porque as condições sociais estão em constante mudança e cada vez mais se pede às pessoas que saibam combinar competência com capacidade de inovação.

Tem importância para uma construção do seu “eu” profissional, que evolui ao longo da carreira de docente e que pode ser influenciada pela escola, que incorpora o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar os alunos, as crenças em que acredita, os valores, o conhecimento adquirido das matérias e das experiências vivenciadas nesta etapa.

Também, é de salientar que neste processo foi evidente a falta de confiança e o medo de errar. Este receio foi sendo ultrapassado, não só pelo reforço da minha autonomia, pelo esforço, persistência, mas também pela valorização e reconhecimento da dedicação no investimento que realizei para as minhas aulas.

2. A escola cooperante: lugar de prática

A Escola Cooperante em que realizei o meu estágio curricular foi a Escola Secundária de Valongo, sendo a escola sede do Agrupamento de Escolas de Valongo (AEV) e situa-se na rua Visconde Oliveira do Paço, na localidade de Valongo.

O Agrupamento é constituído por seis escolas, sendo elas a Escola Básica 1 da Balsa, a Escola Básica 1 de Paço, a Escola Básica 1 de Campelo, a Escola Básica 1 de Fijós, a Escola Básica 2/3 de Sobrado e a Escola Secundária de Valongo. Todas as escolas básicas pertencentes ao agrupamento se situam na localidade de Sobrado. Aí realizei a minha passagem de lecionação ao segundo ciclo, na Escola Básica 2/3 de Sobrado.

O Agrupamento de Escolas de Valongo apresenta uma oferta educativa para a educação pré-escolar, ensino secundário, cursos profissionais, cursos de educação e formação (CEF) e ensino de adultos. Relativamente à educação pré-escolar e ensino básico do 1º ao 3º ciclo, estas decorrem nas escolas básicas acima referidas. No que diz respeito ao ensino secundário, a escola tem cursos científicos-humanísticos, de artes visuais, de ciências socioeconómicas, de ciências e tecnologias, e línguas e humanidades. No ensino de adultos, tem como oferta educativa os cursos de formação modular de inglês e francês, de português para aqueles alunos em que não seja esta a língua materna, e o ensino recorrente. Relativamente aos cursos profissionais, apresenta o curso de administrativo, cozinha/pastelaria, desporto, electrónica, automação e computadores, gestão e programação de sistemas informáticos, operações turísticas e restaurante/bar. E por fim, nos cursos de educação e formação, oferece o de empregado(a) de restaurante/bar, operador(a) de informática e pasteleiro(a) /padeiro(a).

Relativamente aos cursos profissionais, é de destacar que a escola tem como oferta educativa, o curso de Técnico de Desporto. O curso de Técnico de Desporto é um curso profissional que participa no planeamento, na organização e no desenvolvimento do treino de modalidades desportivas, individuais ou colectivas, bem como organizar e dinamizar atividades físicas e desportivas em contexto de ocupação de tempos livres, animação e lazer. O Desporto é imprescindível para vida de cada um, para a manutenção de um estilo de vida saudável. Por este facto, é absolutamente necessária a existência de profissionais devidamente formados na promoção, manutenção da qualidade e na gestão do desporto e das actividades desportivas e de lazer. Este curso, visa formar os alunos para poderem enveredar nas áreas dos ginásios, clubes desportivos, piscinas, câmaras municipais, entre outros locais, que possam exercer, mas também para aqueles que pretendam prosseguir os estudos, optando pela via de ensino superior.

III. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

1.1. Planeamento (Anual, Período, Unidades Didáticas, Plano de Aula/Reflexão)

Esta área revela-se como sendo uma das mais importantes ao longo da PES.

Relativamente às tarefas de planeamento, todos os documentos necessários à ação docente como a planificação anual, a grelha de Vickers, os MECs e os planos de aula são objeto de planificação prévia. Bento (1987) refere estes como sendo ferramentas fundamentais e integrais no processo pedagógico, perspetivando para o aluno distintas etapas do ensino e da aprendizagem.

No início do ano letivo, realiza-se uma reunião com todo o departamento de expressões do qual o grupo de Educação Física faz parte, para definição do planeamento anual e as correspondentes modalidades a abordar em cada um dos períodos. Na Escola Secundária de Valongo é estipulado lecionar apenas uma modalidade por período, procurando assim que cada uma das modalidades tenha uma abordagem mais aprofundada, que consista numa mais-valia para os alunos, permitindo-lhes aquisição de competências mais sólidas.

Em cada período é realizado antecipadamente um Modelo da Estrutura do Conhecimento (MEC), criado por Vickers (1990) seguindo as orientações do Programa Nacional de Educação Física do Ensino Secundário em vigor e atendendo às características específicas da turma. Este modelo procura, através de um conjunto de ações de análise de diferentes variáveis de contexto, permitir tomadas de decisão que conduzem a um ensino eficaz. Esta estrutura divide-se em três grandes fases: fase de análise, fase das decisões e fase de aplicação.

No que diz respeito aos planos de aula, estes eram realizados antecipadamente antes das aulas ocorrerem, sendo um instrumento importante para o professor. O plano de aula é entendido como um guião de intenções ou de atuação mutável, devendo assentar num rigoroso exercício de análise e de reflexão prévia. Da qualidade da antecipação desta ação programada (Bento, 2003), ao nível da organização e gestão dos alunos, dos espaços, dos materiais e do tempo, depende parte da eficácia da aula. O plano de aula é fundamental para o professor poder definir quais os objetivos gerais e específicos para a aula, que exercícios irão ser propostos e o material a ser utilizado. É passível de ser sempre ajustável na aula, ou seja, se o professor reconhecer ser mais benéfico despende de mais tempo para a prática de algum conteúdo para além do que tinha estipulado para obtenção do sucesso da parte dos alunos ou,

se por exemplo, algum exercício para certos alunos já se tornar demasiado fácil, é perfeitamente possível ajustar as variantes para se tornar mais complexo. Para uma melhor compreensão, e considerando ser necessário, utilizei estratégias de progressões para conseguir chegar ao gesto técnico no seu todo, ajudando assim os alunos a conseguirem. Com a utilização das progressões delineadas nas planificações das minhas aulas, verifico que os alunos obtiveram sucesso, ou seja, apresentaram bons resultados.

O plano de aula subdivide-se em três partes: inicial, fundamental e final. Na parte inicial realiza-se um pequeno diálogo com os alunos, onde o professor realiza um rápido registo da presença e apresenta, de forma sucinta, os objetivos e conteúdos da aula e os enquadra na sequência dos objetivos abordados até à data.

No que diz respeito à parte fundamental é onde estão inseridos os exercícios fulcrais da aula, ou seja conteúdos a serem instruídos do zero, exercitados ou consolidados. E por fim, na parte final dá-se o esclarecimento de dúvidas, recapitulação dos conteúdos lecionados, que conteúdos irão ser introduzidos na aula seguinte e a seleção de alunos para a recolha do material utilizado.

Em relação às planificações anuais das turmas, e de acordo com a planificação anual definida pelo grupo de Educação Física, para o décimo primeiro ano, as modalidades abordadas foram o Voleibol (1º Período), Badminton (2º Período) e Futebol (3º Período). E para a turma de décimo segundo ano, as modalidades estipuladas foram o Voleibol (1º Período), Dança/Escalada (2º Período) e Basquetebol (3º Período). Também foram aplicados os testes do FITescola, que decorreram durante duas aulas em cada um dos períodos, para a realização do teste do vaivém, flexões de braços, abdominais e, por fim, o teste do senta e alcança. Para o segundo ciclo, o departamento estipulou a lecionação da modalidade de Andebol, Badminton, Atletismo, Ginástica e Rugby.

Nesta escola o modelo seguido é o ensino por blocos. Por blocos é um conjunto de aulas sobre a mesma matéria. Ou seja, só é lecionada uma modalidade por período, tal como estão acima especificadas. Sendo que, a modalidade que é abordada no primeiro período, não se repete mais ao longo do ano letivo. E está estipulado desde o início qual será a duração para cada uma delas. Para cada ano, existe uma modalidade alternativa, que é ajustada face ao roulement de instalações. Em que permite que haja uma maior autonomia para os professores e de gerirem melhor as suas aulas, consoante o espaço que lhes é atribuído. Este modelo, define que para cada ano são estipuladas algumas disciplinas, o que permite que não haja uma disparidade entre turmas.

Relativamente aos conteúdos abordados, no primeiro período à turma de décimo primeiro ano na modalidade de Voleibol, foram as regras, o passe, a manchete, o serviço por cima e por baixo, o bloco (uma pequena passagem, derivado a ser o primeiro contato com a modalidade no ensino secundário nesta escola) e o jogo até ao sistema 4x4. Já nas turmas de décimo segundo ano conseguiram chegar até ao sistema de jogo 6x6 e uma passagem mais aprofundada no gesto técnico bloco. No segundo período, no que diz respeito à modalidade de Badminton foram lecionados a posição fundamental, a pega da raquete, o serviço, o clear, o amorti, lob, remate, deslocamentos e jogo 1x1, tendo existindo um mini torneio na turma para estimular o fair-play e espírito de grupo. Para o décimo segundo ano foram abordadas duas modalidades (dança e escalada), intercalando pelas aulas a abordagem destas. Na modalidade da dança inicialmente aprenderam uma coreografia e depois os alunos tiveram a oportunidade de construir uma coreografia do zero, respeitando sempre os tempos musicais estipulados pela professora. Na escalada os alunos definiam qual via escolhiam para escalar, sendo que cada uma tinha diferente classificação e para quem só realizava a ajuda tinha outra cotação.

E por fim no terceiro período, para o décimo primeiro ano abordaram a modalidade de futebol passando pelo sistema de jogo 2x1, 2x2, 2x3, 3x3, condução/controlo de bola. E no décimo segundo ano, a modalidade de basquetebol que foram abordados o passe, a receção, o drible, a posição base, a defesa, situações jogadas (1x1, 2x1, 3x0, 3x2 e 3x3) e por fim um mini torneio.

Relativamente ao segundo ciclo, foram abordadas as seguintes modalidades: atletismo (estudante estagiária Rita Sousa) abordado a velocidade e resistência, badminton (estudante estagiária Maria do Carmo) abordado os gestos técnicos e mini torneio de (1x1) e andebol (estudante estagiária Ana Barros) abordado o passe, receção, desmarcação, ocupação de espaço e jogo (5x5).

As aulas para o secundário tinham a duração de duas vezes 90 minutos, sendo que com os descontos de tempo previstos de início e final de aula resultam 75 úteis para a prática da atividade física. Foram lecionadas aproximadamente cinquenta e duas aulas para cada uma das três modalidades. E para o segundo ciclo realizavam uma aula de 45 minutos e outra de 90 minutos, sendo que a passagem por esta faixa etária decorreu durante quatro semanas.

No final de cada aula, era realizada uma reflexão individual para verificar pontos positivos e negativos da aula, no sentido de sempre melhorar o meu desempenho e que estratégias adotar. Também eram realizadas reuniões entre o núcleo de estágio, para que em grupo debatêssemos aspetos essenciais a ter em conta na aplicação das aulas. Através da

elaboração de atas, definíamos todos os pontos abordados na reunião. Aconteceu que, muitas das vezes, todos contribuíamos com diferentes sugestões e isso tornou-se um aspeto muito importante no nosso desempenho como estudantes estagiárias.

Para a ocupação dos espaços, a Escola Secundária de Valongo apresenta um roulement, para que os professores se possam organizar e estejam informados em que espaço (interior ou exterior) irão lecionar as suas aulas. A ocupação dos espaços, por vezes, é reajustável em função das condições meteorológicas e da unidade didática a ser lecionada.

O pavilhão é dividido em três campos. O espaço encontra-se bem equipado, com material adequado para um grande leque variado de modalidades. No que diz respeito à constituição do pavilhão, é composto por duas balizas, uma parede de escalada, duas redes de voleibol e dez tabelas de basquetebol, sendo seis de espaço de interior e quatro de exterior. Os campos exteriores possuem dimensões diferentes e são ambos alcatroados, tendo balizas e tabelas. A escola apresenta globalmente boas instalações e o material que tem disponível é satisfatório, reunindo condições para que haja um bom ensino aprendizagem.

1.2. Realização (Instrução, Gestão, Disciplina, Clima, Ajustamentos)

Para Siedentop (2008), a instrução, a gestão, o clima e a disciplina são as quatro dimensões fundamentais para que haja uma boa intervenção pedagógica. Considero os feedbacks uma ferramenta excepcional na transmissão da informação, na correção das execuções por parte dos alunos e na manutenção de um clima de aula positivo, que procurei fomentar sempre nas minhas aulas.

Quanto à realização do ensino e aprendizagem, não revelei dificuldades no que diz respeito ao controlo disciplinar de ambas as turmas, mas no que se refere à instrução e gestão dos diferentes níveis de desempenho dos alunos apresentei algumas dificuldades, que foram diminuindo com a prática. Para colmatar esta situação, procurarei criar grupos que integrassem alunos com mais dificuldades com aqueles que revelam estar mais aptos na modalidade, de forma a promover a interajuda e estimular o sucesso.

Ao longo dos períodos, melhorei a minha capacidade de intervenção relativamente aos ajustamentos no decorrer das aulas face às necessidades do momento.

É de realçar o envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem incutindo-lhes a responsabilidade, aplicando algumas perguntas em que tinham de debruçar o pensamento sobre a atividade tinham realizado e os conteúdos abordados, de forma a dar-lhes a oportunidade de tomada decisão e o que retiveram. Todas estas características apresentadas

permitem que o ensino seja realizado num ambiente positivo, estimulante e facilitador das aprendizagens.

No decorrer da seleção das situações de aprendizagem a implementar nas aulas, por vezes, em algumas situações, sentia que as progressões aplicadas para abordagem dos conteúdos resultavam bem, mas, em contrapartida, em algumas situações considerava que deveria apostar mais na inovação dos exercícios, de forma a motivá-los ainda mais para a prática.

As turmas, apesar de apresentarem diferentes níveis de desempenho, foram evoluindo, mostrando com enorme satisfação a vontade e o querer aprender. Para os alunos com maior aptidão, propunha variantes mais complexas, de forma a serem para eles mais estimulantes e captar a sua motivação. Segundo Darido, Galvão, Ferreira e Fiorin (1999), a aprendizagem dos alunos depende de vários fatores internos do aluno e também do seu ambiente escolar. A fase da adolescência é uma fase peculiar no desenvolvimento motor dos adolescentes e desta forma torna-se um grande desafio para os professores conseguir a atenção dos alunos durante as suas aulas.

Em cada período, existia um controlo em relação à assiduidade dos alunos, através de uma ficha de registo. Nessa ficha de registo constavam as presenças, as faltas, os atrasos, as faltas de material, as dispensas de aula e o atestado médico. Mais tarde, o registo destes parâmetros seria tido em conta na avaliação das atitudes dos discentes.

1.3. Avaliação (Tipos, modalidades, formatos e autoavaliação)

A avaliação é um processo contínuo e integrado, que regula e orienta a prática pedagógica. Permite aos alunos ajustar o seu desempenho ao que é pretendido, contribuindo, assim, para a sua evolução.

Quanto à avaliação da unidade didática, recorri a dois tipos de avaliação, a diagnóstica e a sumativa. A avaliação diagnóstica, realizada na primeira aula de cada unidade didática, teve como principal objetivo verificar o desempenho dos alunos, definir o ponto de partida do trabalho a vir a ser realizado e quais os objetivos a serem propostos para alcançar, sendo avaliados em situação de jogo com a respetiva grelha classificativa. A avaliação sumativa realizou-se no final de cada unidade didática e teve como objetivo fazer o balanço final de todo o processo de evolução de cada aluno.

Na Escola Secundária de Valongo e de acordo com os critérios definidos, os alunos foram avaliados em três grandes áreas: Atividades físicas, Aptidão física e Atitudes e Valores.

Nas Atividades Físicas, com a cotação de 65%, agrupam-se todas as matérias práticas (modalidades) abordadas na aula, como por exemplo: basquetebol, ginástica de solo, badminton, entre outras. Assim, e dada a especificidade de cada uma das práticas, as classificações finais de cada período, relativamente a esta área, são a média aritmética dos níveis atribuídos a cada uma delas ministrada até ao momento dessa avaliação.

A Aptidão Física vale 10% e refere-se ao desenvolvimento das capacidades motoras, que constitui uma componente da atividade formativa em todas as aulas. Nesta área, consideram-se os valores inscritos na Zona Saudável de Aptidão Física (ZSAF – FITescola). Relativamente a este parâmetro, as classificações finais de cada período são atribuídas de acordo com o seguinte critério: classificação do 1º Período – 1; classificação do 2º Período – $1/3$ (nível do 1º período) + $2/3$ (nível do 2º período); e a classificação do 3º Período – $1/4$ (nível do 1º período) + $1/4$ (nível do 2º período) + $2/4$ (nível do 3º período).

Na área das Atitudes e Valores, com a cotação de 25%, eram avaliados os parâmetros relativos à eficácia do empenho do aluno, o seu interesse pela atividade física, a sua responsabilidade, o comportamento adequado, a assiduidade e pontualidade. Relativamente a esta área avaliativa, as classificações finais de cada período são a média ponderada dos níveis atribuídos no final de cada período, de acordo com o seguinte critério: classificação 1º Período – 1; classificação 2º Período – $1/3$ (nível do 1º período) + $2/3$ (nível do 2º período); e a classificação 3º Período – $1/4$ (nível do 1º período) + $1/4$ (nível do 2º período) + $2/4$ (nível do 3º período).

Os instrumentos de avaliação utilizados foram os testes práticos e registo de observação da aula (Área das Atividades Físicas), o FITescola (Aptidão Física) e o registo de observação da aula (Atitudes e Valores). Para alunos dispensados com atestado médico, a avaliação é feita da seguinte forma: na parte dos conhecimentos pode ser proposto um trabalho de projeto, um teste escrito, relatórios de observações das aulas e registos de observação, e nas atitudes valores é avaliado o registo de observação na sala de aula.

Para as turmas de décimo segundo ano, na modalidade de voleibol as duas turmas foram avaliadas da mesma forma em sistema de 4x4, sendo que a turma de Ciências Económicas teve uma passagem pelo sistema 6x6, por se encontrar num nível superior; na dança/escalada (2º Período) abordando ambas as modalidades, tiveram a possibilidade de optar por qual queriam ser avaliados, sendo que era obrigatório fazerem parte de um grupo para a elaboração de uma coreografia, e no último período basquetebol (3º Período) eram avaliados em sistema 3x3. E para as de décimo primeiro ano, na modalidade de voleibol (1º Período) foram

avaliados em sistema de jogo 4x4, no badminton (2º Período) em sistema de jogo 1x1 e, por fim, no futebol 3x3.

1.4. Construir e (re) construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação

A partir das reais possibilidades dos alunos, tentei projetar e prognosticar o nível de rendimento atingível nas diferentes UD, individualmente e na turma, constituindo-se como mais uma estratégia para responsabilizar os discentes pelo seu processo de aprendizagem na defesa de uma cultura de escola para a autonomia (Vieira, 2014).

Através do conhecimento que já possuía anteriormente, foi possível reajustar alguns aspetos já que, tendo dentro da mesma turma diferentes níveis de aprendizagem, isso permitiu criar diferentes variantes, isto é, dentro do mesmo exercício variar do mais simples para o mais complexo consoante o nível a que correspondia. Aprendi todos os dias algo que pudesse contribuir e viesse enriquecer as minhas aulas, graças à opinião do professor orientador, que me dava feedbacks dos aspetos a serem melhorados e quais os fatores positivos no decorrer das aulas, possíveis de reajustar e melhorar.

É neste processo que, perante a nossa atuação e com o tempo de prática, vamos ganhando experiência, fazendo um acréscimo contínuo ao que já sabemos e nos tornarmos melhores na forma de lecionação.

2. Participação na escola e Relação com a comunidade

2.1. Atividades realizadas

A realização de um seminário apresentou-se como uma experiência bastante desafiante, importante e enriquecedora. O seminário consistiu na apresentação do Projeto denominado por “Design to Solve” desenvolvido ao longo do ano letivo na Escola Secundária de Valongo. Este projeto explorou o pensamento criativo, as competências sociais e a motivação dos alunos. O projeto foi implementado em duas turmas de décimo segundo ano. A amostra era composta por 48 alunos, com uma média de idades de 17 anos que, atualmente, na sua maioria, não chegam a praticar uma modalidade por aluno e despendem muito tempo do dia em frente ao ecrã. Eram realizadas duas sessões por semana de 30 a 40 minutos para a aplicação deste projeto com o intuito de estimular a criatividade e motivação dos nossos alunos.

Consistia em serem os próprios alunos a construírem um conjunto de jogos, sendo que definam eles as regras, qual o material a ser utilizado e o limite de campo. Os principais fatores deste modelo, apontados por Hastie (2010), estão relacionados com um ambiente de enriquecimento que promove a colaboração, comportamentos éticos como tolerância, respeito pelos outros, partilha de ideias, aceitação de pares e uma interação social positiva entre os alunos. Este modelo de aprendizagem proporciona aos alunos uma maior predisposição para pensar criativamente e criticamente, para que isso possa ter impacto nas suas vidas futuras como profissionais e cidadãos.

É de salientar a importância em criar este tipo de desafios aos alunos, para que estes desenvolvam as suas ideias na criação de novos jogos, sendo que o material poderá ser limitado e/ou diferente. Assim, os alunos têm de criar as suas próprias estratégias e novas táticas para conseguirem o seu objetivo final. Com isto, aumenta-se a responsabilidade e a cooperação dos alunos entre si, transmitindo assim valores e ideais essenciais para o seu percurso escolar e para a sua vida quotidiana.

Relativamente à metodologia, em primeiro lugar, no que diz respeito às experiências prévias, foi utilizado um questionário de prática e tempo sedentário, em que apurávamos o tempo despendido em frente ao ecrã, quais as suas atividades, idade, altura e peso; em segundo lugar, e apelando ao pensamento criativo, utilizou-se o teste do pensamento divergente que consistia em três materiais (tijolo, sapato e jornal) e os alunos tinham de pensar em ideias fora do comum para a utilização desses materiais, como por exemplo: um clipe normal é utilizado para juntar folhas e fora do normal pode ser utilizado para prender o cabelo ou como um porta-chaves; em terceiro lugar, a motivação que consistia num questionário adaptado do clima motivacional para a atividade física e, por fim, o comportamento social, em que foram realizadas entrevistas aos alunos e professoras do projeto para saber qual o impacto que tiveram a aplicação dos jogos nas aulas de educação física. Os testes do pensamento divergente e da motivação foram realizados em pré e pós teste, ou seja, no início, antes da aplicação dos jogos, e no fim, depois da semana final dos jogos.

O projeto desenvolveu-se em três fases: numa primeira fase, as professoras eram quem trazia para as aulas jogos criativos diferentes do habitual, mas sempre tendo por base os jogos coletivos desportivos; numa segunda fase, os alunos faziam algumas alterações a alguns desses jogos e, por fim, na terceira fase, os alunos tinham total autonomia para a criação dos jogos, sendo eles a selecionar o material e definição das regras.

Ao longo do ano letivo, participei em atividades da escola, fazendo parte da organização do corta-mato escolar, sendo estipulada pela escola uma atividade a ser realizada pelos estudantes estagiários, também participei no torneio de voleibol para o ensino secundário com a função de marcação de pontos, no corta-mato distrital, na gincana-rodoviária organizada pelo grupo de física na escola e, por fim, em visitas de estudo com as turmas do curso profissional de desporto. Com estas, foi possível visitar e conhecer as instalações do IPMAIA (Instituto Politécnico da Maia), FADEUP (Faculdade de Desporto da Universidade do Porto), FCDEF (Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física de Coimbra), CAR Montemor (Centro de Alto Rendimento de Remo) e o Clube de Ténis do Porto, onde pudemos assistir a alguns jogos. Estas visitas aos estabelecimentos de Ensino Superior tiveram como objectivo clarificar os alunos sobre as saídas profissionais de que dispõem e quais os exames a serem necessários para ingressar no futuro. Em relação ao Clube Ténis do Porto a visita consistiu em complementar os conteúdos abordados na formação em sala de aula, através do acompanhamento de uma jornada de jogos de um torneio. E por fim, salientar a visita ao CAR de Montemor, que consistiu em conhecer um centro de alto rendimento, de que forma este funciona, qual o seu papel no apoio aos seus respectivos atletas, e compreender o impacto de estruturas desportivas de qualidade na obtenção de resultados internacionais.

2.2. Socialização profissional e institucional

No que diz respeito à socialização profissional e institucional, quer os professores do grupo de educação física (grupo 620), pertencente ao departamento de expressões, quer os docentes de outros grupos, quer ainda a direção da escola, valorizaram sempre o facto de estarmos numa situação de aprendizagem e sempre se mostraram dispostos a ouvir novas ideias/propostas a poderem vir a ser implementadas no meio educativo. Todos os professores nos davam permissão para expor a nossa sugestão, devidamente justificada e concisa para uma melhoria de ensino aprendizagem dos nossos alunos.

É de destacar também os assistentes técnicos, que foram pessoas essenciais neste grande processo. Criamos grande ligação com todos, mas de salientar a colaboração de duas pessoas que estiveram presentes em todas as aulas no pavilhão gimnodesportivo, que nos receberam de forma muito positiva e sempre predispostos a ajudar. Foram, seguramente, pessoas fundamentais nesta etapa.

Relativamente ao grupo do Desporto Escolar (DE), sempre se mostraram predispostos a colaborar connosco, permitindo-nos ajudar nos treinos e assistir aos jogos.

Por fim, é de referir que, como estudante estagiária juntamente com as minhas colegas, marcamos a escola, com a implementação do nosso projeto “Design to Solve” já referido anteriormente e com tudo o que contribuímos para a nossa escola, marcamos pela diferença e com toda a certeza que não se irão esquecer de nós. A implementação do nosso projeto é uma excelente sugestão para forma como os professores abordam as aulas.

2.3. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação

No contexto prático, é o ambiente ecológico da sala de aula que mais socializa o estagiário, provocando-lhe comportamentos de adaptação. Barros (2011) considera que modificar esta estrutura é algo que não lhe será fácil, uma vez que há uma série de atividades às quais os alunos estão habituados e concepções de ensino que são partilhadas tacitamente pelos professores.

Para Camilo Cunha (2002) a identidade do professor de Educação Física começa a ser construída desde cedo. O professor constrói a sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão a sua história familiar, a sua trajetória escolar e académica, a sua convivência com o ambiente de trabalho, a sua inserção cultural no tempo e no espaço.

Um professor, nos dias de hoje, é muito mais que um mero ensinador. Segundo Wallon (1995), o papel do professor na vida do aluno é essencial. Para os alunos, o papel do professor é representado como uma pessoa formada e habilitada, com afetos contemplados aos alunos, podendo ambos interagir dentro de uma transmissão emocional.

Nas turmas que lecionei, encontrei alunos com vontade de aprender, com respeito pelo professor e que davam valor ao trabalho realizado. De acordo com Gouveia-Pereira (2008), o aluno tem a expectativa de que a escola e os professores orientarão o seu relacionamento com os vários interlocutores, que garantam o respeito e o cumprimento das regras e deveres estabelecidos, assegurem todo o apoio necessário ao seu bem-estar e sejam intervenientes ativos na resolução justa dos conflitos de interesse que possam ocorrer.

3. Desenvolvimento profissional

Day (1999) refere “O desenvolvimento profissional docente inclui todas as experiências de aprendizagem natural e aquelas que, planificadas e conscientes, tentam, directa ou indirectamente, beneficiar os indivíduos, grupos ou escolas e que contribuem para a melhoria da qualidade da educação nas salas de aula. É o processo mediante o qual os professores, sós ou acompanhados, revêem, renovam e desenvolvem o seu compromisso como agentes de mudança, com os propósitos morais do ensino e adquirem e desenvolvem conhecimentos,

competências e inteligência emocional, essenciais ao pensamento profissional, à planificação e à prática com as crianças, com os jovens e com os seus colegas, ao longo de cada uma das etapas das suas vidas enquanto docentes”.

3.1. Dificuldades e necessidade de formação

Heideman (1990, pp. 3-9) “O desenvolvimento profissional dos professores vai para além de uma etapa meramente informativa; implica adaptação à mudança com o fim de modificar as actividades de ensino-aprendizagem, alterar as atitudes dos professores e melhorar os resultados escolares dos alunos. O desenvolvimento profissional de professores preocupa-se com as necessidades individuais, profissionais e organizativas”.

Para a leccionação de todas as modalidades, é necessário que o professor se prepare e estude todos os conteúdos a terem de ser abordados. Para tal, o professor deve investir em pesquisas e informação, para colmatar algumas dificuldades que tenha em certos conteúdos, para se tornar cada vez melhor. O investimento “no saber” nunca ocupa espaço, só nos ajuda e torna o nosso ensino mais conciso e rico.

3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão

Segundo Casanova (2016) “A formação contínua de professores constitui um fator muito importante no contexto da escola e da sociedade atual.” Hoje em dia a informação está à distância de um “click”, permitindo aos alunos terem acesso aos conhecimentos que pretendem rapidamente. No entanto, o facto de a informação estar disponível, não quer dizer que os alunos saibam aproveitar todas as suas vantagens. Este fator em consonância com a constante mudança da realidade escolar e contextualização do saber-saber e do saber-fazer, obriga a uma constante formação do profissional docente.

O mundo está sempre em constante mudança, consoante a evolução que tem existido nos tempos de hoje. Os professores têm que estar sempre a par das alterações e inovações no ensino. Para tal, é necessário investir em formações para acompanhar a evolução para a aplicação de certos conteúdos e novos métodos a adotar.

Durante o ano, decorrem formações específicas para as diferentes modalidades. É necessário, que os professores frequentem estas iniciativas estarem sempre a par e actualizados. Assim sendo, podem trazer novas ideias para a escola para aplicar na leccionação das suas aulas.

Estive presente em formações na modalidade de basquetebol, como por exemplo o “XII Clinic Internacional de Treinadores de Basquetebol, que decorreu na Póvoa do Varzim. O

Basquetebol”, é a minha modalidade de preferência, derivado à minha vida profissional ser Treinadora de Basquetebol nível I.

IV. Reflexões finais

4.1. Experiência pessoal e profissional

Relativamente à minha experiência pessoal e profissional, tal como referi anteriormente no início deste documento, concilio os meus estudos para me tornar professora, com a função de treinadora de basquetebol, que só contribuiu de forma positiva e me traz vantagens para desempenhar a função de professora para qual estudei estes anos para alcançar.

A PES permitiu-me criar a minha identidade como futura professora, aprendendo a cativar os meus alunos e a apelar para a sua motivação. De acordo com Cunha (1992), as habilidades de ensino para serem bons professores são: gestão de aula, o uso da participação do aluno, o ensino simples e de forma clarificadora, a variação de estímulos e a comunicação.

Com esta experiência desafiante, na minha perspetiva, julgo que consegui atingir o patamar que defini para mim no início do ano. Assim, consegui obter sucesso por parte dos meus alunos, vivenciar as suas evoluções, a vontade de aprender e melhorar, a persistência que de cada parte, para alcançar o pretendido. Com esta passagem, com toda a certeza que cada vez serei melhor profissional, vindo a experiência juntamente com o tempo. De acordo com Pitta (1999), são quatro as dimensões fundamentais do bom professor: a dimensão motivadora, que capacita o professor a motivar os alunos, possibilitando-lhes uma adequada aprendizagem e os meios necessários para evoluir e enfrentar os desafios da vida; a dimensão relacional, que tem a ver com o bom clima de uma sala de aula; a dimensão ética do bom professor, que é a que contribui para a formação do carácter e dos valores dos seus alunos, indispensáveis ao desenvolvimento da sua maturidade e à sua inserção na vida social; dimensão construtiva, aquela que se reflete na admiração que os alunos têm pelo seu professor, pela sua habilidade para os ensinar, a sua clareza e a forma como os orienta nas suas tarefas. Reflete também a sua forma de ser imparcial, como controla a turma, o afeto que transmite aos alunos, a sua paciência, o seu bom humor e a sua justiça.

4.2. A componente ético-profissional

A Escola Secundária de Valongo é uma unidade orgânica com uma missão de serviço público que tem como objetivo dotar todos e cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, integrar-se ativamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do País.

Assumindo um papel preponderante na educação e formação da comunidade, o AEV deverá constituir-se como um espaço de aprendizagem para todos e todas, aberto às diferenças, sensível à diversidade cultural e disposto a rasgar novos horizontes, respondendo às necessidades da sociedade, alicerçada em princípios de rigor, eficiência e responsabilidade, mas também de cooperação, criatividade e autonomia.

Segue um modelo organizativo de escola pública, baseado nos princípios da participação, implicação, corresponsabilidade e trabalho em equipa. Advoga os princípios de pluralismo, democraticidade, transparência, organização e diálogo, por um lado, mas também competência, eficiência, exigência e rigor, por outro.

Perante os princípios da escola, sempre tive em conta formar bons cidadãos e inculcar-lhes todos estes princípios que são fundamentais para o dia-a-dia de cada um. E a implementação do projeto contribuiu para as turmas se unirem mais entre si.

Uma cultura de (auto)avaliação, melhoria e qualidade conduzirão a uma escola aprendente e reflexiva, que se pensa no presente para se projetar no futuro e na continuidade, sempre renovada, da sua história.

Desta forma, todo o trabalho se orienta com vista a promover o sucesso e prevenir o abandono escolar dos alunos e desenvolver a qualidade do serviço público de educação, em geral, e das aprendizagens e dos resultados escolares, em particular; promover a equidade social, criando condições para a concretização da igualdade de oportunidades para todos; assegurar as melhores condições de estudo e de trabalho, de realização e de desenvolvimento pessoal e profissional; cumprir e fazer cumprir os direitos e os deveres constantes das leis, normas ou regulamentos e manter a disciplina; observar o primado dos critérios de natureza pedagógica sobre os critérios de natureza administrativa, nos limites de uma gestão eficiente dos recursos disponíveis para o desenvolvimento da sua missão; assegurar a estabilidade e a transparência da gestão e administração escolar, designadamente através dos adequados meios de comunicação e informação; e a proporcionar condições para a participação dos membros da comunidade educativa e promover a sua iniciativa.

O AEV tem como visão constituir-se como um agrupamento de escolas de excelência, reconhecido, na sociedade educativa, pela qualidade das suas práticas.

Também de salientar neste ponto, o fator dos resultados escolares. Nas minhas turmas, esforcei-me ao máximo para conseguir a motivação dos meus alunos. É de realçar que a motivação dos alunos é muito importante nas aulas de Educação Física para que estes possam evoluir a nível motor, social e psicológico. Segundo Minelli, Nascimento, Vieira e Rinaldi

(2010, pp. 598-609), “a motivação dos alunos é, nos dias de hoje, um grande desafio que os professores enfrentam e isso tem sido um dos motivos que faz com que as práticas pedagógicas no ensino tenham de ser modificadas e repensadas com mais frequência”. Em ambas as turmas que leccionei, os alunos esforçaram-se ao máximo para alcançar os melhores resultados, mesmo aqueles em que a nota de EF não contava para a média.

Dediquei-me ao máximo ao estágio, não falhando com os meus deveres perante a turma, ajudando sempre todos os alunos, de forma a solucionar os problemas, na parte do planeamento e da organização, procurei sempre ter feedbacks para ir melhorando a minha performance nas aulas, destacando por liderar pelo exemplo, transmitindo assim aos meus alunos alguns dos princípios fundamentais para a vida futura.

Relativamente ao papel dos professores, os mesmos devem trabalhar como coletivo, sendo que será determinante para um somatório de competências individuais e é necessário que se integre na cultura dos professores em conjunto para a realização e produção do trabalho. Também devemos primar pelo exemplo para os nossos alunos. Deste modo, sempre fui assídua e pontual, procurando que os meus alunos cumprissem com os seus deveres. Dei sempre o meu máximo em todas as tarefas em que me envolvi.

4.3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES

A Prática de Ensino Supervisionada representou, para mim, o auge de um sonho desde criança, o de conseguir tornar-me professora de educação física. A viagem de cinco anos de licenciatura e mestrado juntos, em busca deste sonho, foi dura e vivida intensamente. Rica em aprendizagem e forte em crescimento como pessoa. Foi com enorme prazer que eduquei e formei alunos, famintos de novos conhecimentos, ao longo deste ano letivo.

É de salientar a grande evolução que tive relativamente à minha prestação desde o primeiro período até ao final do ano. Não só dei a aprender aos alunos novas coisas, como em cada aula eram eles que me enriqueciam com novas situações. Os alunos trazem muito para os professores, nunca nos podemos esquecer e, principalmente nesta profissão, que temos um papel fundamental no dia-a-dia dos nossos alunos. Também é de referir a gratificação que tenho por ter conseguido conquistar a confiança dos meus alunos, por ter contribuído para serem melhores e o agradecimento e valorização por ter primado pela diferença nesta passagem pelos percursos deles, sendo que, para alguns, este ano letivo era a conclusão do ensino secundário e ingresso no ensino superior. Guardo, assim, um enorme carinho por todos, e com toda a certeza que termino esta etapa com enorme satisfação por terem sido os

meus primeiros alunos e pela alegria que foi trabalhar com pessoas assim. Quando se faz aquilo de que se gosta tudo, se torna diferente e melhor.

É tempo de refletir e aproveitar cada oportunidade que surgirá nesta vida futura, com a esperança de um futuro risonho, com a oportunidade de lecionação. Tentarei conciliar com o meu trabalho fora da escola, como treinadora de basquetebol, que muito contribuiu para minha profissão como professora. Este fim de ciclo será a porta para o mercado de trabalho, na certeza de que irei investir em formações para adquirir mais saberes e ter mais oportunidades na vida.

Referências bibliográficas

Albuquerque, A., Graça, A., & Januário, C. (2005). *A Supervisão Pedagógica em Educação Física – A Perspetiva do Orientador de Estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.

Albuquerque, A., Freitas, I., & Silva, E. (2014). *Novas exigências da prática docente: Perspetivas dos estudantes estagiários de educação física*. Maia: Edições ISMAI.

Barros, I. (2011). *Contributo para a Compreensão do Processo de (re) Construção da Identidade Profissional no Contexto da Formação Inicial: Estudo em Estudantes Estagiários de Educação Física*. Porto: Mestrado Universidade do Porto.

Bento, J. (1987). *Desporto: Matéria de Ensino*. Lisboa: Editorial Caminho.

Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bransford, J., Darling-Hammond, L., LePage, P. (2005). *Preparing Teachers for a Changing World* (pp. 1-39). S. Francisco: Jossey Bass.

Caires, S. (2001). *Vivências e Percepções do Estágio no Ensino Superior*. Braga: Universidade do Minho, Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino Aprendizagem.

Casanova, M. (2016). *Formação Contínua de Professores ao Serviço do Desenvolvimento Profissional Docente*. *Revista do CFAECA*, (pp. 9-18).

Cunha, M. (1992). *O Bom Professor e a sua Prática* (6 ed.). Campinas: Papyrus Editora.

Cunha, A. (2002). *A Educação Física no Ensino Secundário: Estudo das Representações e Atitudes dos Alunos*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

Cunha, A. (2008). *Ser Professor - Bases de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor.

Darido, S., Galvão, Z., Ferreira, L., Fiorin, G. (1999). Educação Física no Ensino Médio: Reflexões e Ações. *Revista Motriz*, 5 (2), 138-145.

Day, C. (1999). *Developing Teachers. The Challenges of Life long Learning*. London: Falmer Press.

Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2010). *Avaliação: Um caminho para o sucesso no processo de ensino e de aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI.

Gouveia, P. (2008). Percepções de Justiça na Adolescência. A Escola e a Legitimação das Autoridades Institucionais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hastie, P. (2010). *Student-Designed Games: Strategies for Promoting Creativity, Cooperation, and Skill Development*. United States: Human Kinetics.

Heideman, C. (1990). Introduction to Staff Development. Programming for Staff Development. London: Falmer Press, (pp. 3-9).

Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., Mira, J. (2001). Programa de Educação Física do Ensino Secundário. Consultado em 04 de setembro de 2017. Disponível em Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/ed_fisica_10_11_12.pdf.

Lortie, D. (1975). *School Teachers: A Sociological Study*. Chicago: University of Chicago Press.

Minelli, D., Nascimento, G., Vieira, L., Rinaldi, I. (2010). O Estilo Motivacional de Professores de Educação Física. *Revista Motriz*, 16 (3), 598-609.

Pacheco, J. (1995). *Formação de Professores: Teoria e Praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia.

Pitta, L. (1999). Profissão Docente. Retrieved from Universidade de Aveiro - Dept. Ciências da Educação website: <http://www.prof2000.pt/users/lpitta/de-2/docente.htm>.

Ralha, E., Dias, G., Pacheco, J., Lima, L., Santos, M., Silva, M., Valença, R., Castro, R., (1996). O 5º Ano das Licenciaturas em Ensino: Algumas Reflexões e uma Proposta de Reorganização. *Revista Portuguesa de Educação*, 9 (1), 165-175.

Sá, C., Costa, F. (2009). A Influência Socializadora da Formação inicial em Educação Física. Perceção dos Protagonistas e Unidade Concetual Inter-Pares. *Sociedade Portuguesa Educação Física*, 34, 95-105.

Siedentop, D. (2008). *Aprender a ensinar la educación física*. Barcelona: Inde.

Vickers, J. (1990). *Instructional Design for Teaching Physical Activities*. Human kinetics books.

Vieira, F. (2014). *Quando os Professores investigam a Pedagogia. Em Busca de uma Educação Democrática* (pp. 225-265). Mangualde: Edições Pedagogo.

Wallon, H. (1995). *A Evolução Psicológica da Criança*. Lisboa: Edições 70.